

## Emergência da Dêixis Espacial e de Pessoa

LEONOR SCLiar-CABRAL  
(UFSC / CNPq)

ARCELONI N. VOLPATO  
(UNIVALI - São José / UFSC / CAPES)

O contexto da situação discursiva pressupõe a existência das coordenadas espaço-temporais. No entanto, elas podem se distribuir dentro do seguinte quadro de alternativas:

- 1- os interlocutores compartilham espaço e tempo (situação canônica da comunicação oral face a face);
- 2 - os interlocutores somente compartilham a coordenada temporal (por exemplo, falar ao telefone);
- 3 - os interlocutores não compartilham nem da mesma coordenada temporal, nem da espacial (situação canônica da comunicação escrita, mas um outro exemplo são as mensagens gravadas na secretária eletrônica).

Na comunicação face a face, o emissor pode, ainda, estar se referindo a entidades dentro do campo mostrativo dos interlocutores, ou pode, na narrativa, seja ela factual ou fictícia, reportar-se a um espaço e tempo ausentes, construídos no próprio mundo narrado (Weinrich, 1968), a chamada *Deixis am Phantasma* (dêixis em fantasma) de Bühler (1985:139-142).

A efetividade da comunicação depende, em grande parte, da competência que os interlocutores demonstram, tanto o emissor quanto o receptor, em utilizar-se dos instrumentos lingüísticos para cada uma destas situações, numa complexidade crescente que está na ordem direta da presença de ambos face a face até a ruptura espaço-temporal, com complicadores de ordem cognitiva.

Sendo assim, o domínio do *shifting* (Jakobson, 1957:130-147), ou embreagem, implica a utilização dos dêiticos, de tal modo que o emissor garanta que o interlocutor, presente ou ausente, possa recuperar as referências e, quando receptor, também saiba fazer uso das sinalizações. No caso da língua nativa, tal domínio depende do desenvolvimento cognitivo e lingüístico da criança e, no da aprendizagem de segundas línguas por um adulto, apenas de seu domínio nesta mesma língua.

Por que o uso com proficiência dos dêiticos no caso da aquisição da língua materna não depende apenas da competência lingüística (Hickmann, 1995:194)? Porque, por sua natureza, a recuperação da referência, neste caso particular, vai depender de uma representação interna estável das oposições entre o sujeito da enunciação (a 1ª. pessoa do discurso) e o interlocutor (a 2ª. pessoa do discurso) e de como eles enquadram a referência no espaço e tempo em relação às pessoas do discurso.

De maior complexidade cognitiva para a criança é a realização do *shifting*, particularmente quando o interlocutor usa a 1ª. pessoa do discurso. Eis por que é um universal na linguagem dirigida à criança (CDS, *Child Directed Speech*, Snow, 1995: 180-193) também conhecida como *motherese*, ou maternalês, ou *baby talk*, que os adultos que convivam com crianças na fase inicial de aquisição da linguagem, não utilizem os pronomes pessoais, e sim o nome, acompanhado de uma terceira pessoa verbal não marcada, tanto quando se referem a si próprios quanto à criança.

Na presente pesquisa, as crianças acompanhadas já haviam ultrapassado a fase de internalização estável da representação das pessoas do discurso, com sua respectiva constelação dos pronomes pessoais.

O objetivo central foi examinar um aspecto específico do desenvolvimento da dêixis, qual seja, a independização do contexto imediatamente circundante, em que na comunicação dialógica canônica, os interlocutores compartilham das mesmas coordenadas espaço-temporais e a criança se utiliza tanto do gesto de apontar (*demonstratio ad oculos*), quanto consegue facilmente recuperar as referências sinalizadas por gestos de seu interlocutor e/ou porque compartilham das mesmas experiências cotidianas.

As situações da pesquisa foram particularmente criadas para propiciar a coleta de dados nesta direção.

Acompanhou-se, ainda, o desenvolvimento da competência no uso da dêixis textual no sistema escrito, de maior complexidade ainda, cujos resultados não serão discutidos na presente comunicação.

Em adendo, os sentidos da dêixis espacial, particularmente do prolocativo "aqui" se mostram muitíssimo mais ricos do que a sumária classificação da Norma Gramatical Brasileira e, em geral, do que as gramáticas escolares deixam entrever, ao simplesmente o arrolarem como advérbio de lugar: o estatuto da dêixis fica completamente obscurecido, bem como o seu uso no contexto da situação discursiva da língua portuguesa no Brasil. Tal estudo, numa perspectiva dos universais epistêmicos como o realizou Pinxten (1976: 117-75), ainda está por ser feito.

## Metodologia

Os dados empíricos que servirão de base para esta discussão foram colhidos de sujeitos e situações abaixo explicitados.

A pesquisa foi efetuada durante 42 meses, no período de março de 1994 a julho de 1997. Três sujeitos residentes em Itajaí, SC, foram acompanhados em um estudo longitudinal, em entrevistas bimensais, conforme a tabela abaixo:

| SUJEITOS | INÍCIO   | FIM      |
|----------|----------|----------|
| GAB      | 05;05.29 | 08;00.08 |
| PAM      | 05;00.17 | 08;02.18 |
| PPE      | 05;10.07 | 09;00.08 |

São as seguintes as situações de recolha: (1) produção oral de narrativa factual, induzida pela pergunta: *o que você fez no final de semana?*; (2) conversa espontânea em que criança e entrevistador interagem livremente; (3) relato imediato da estória *Chapeuzinho Vermelho*, narrada pelo entrevistador; (4) conversa telefônica espontânea; (5) narrativa de *A Casa Sonolenta* ou *Frog Story*, estimulada por figuras em narrativa incidental; (6) narrativa escrita da *Frog Story*; (7) textos factuais espontâneos orais e escritos de tópico sugerido pelo sujeito.

Cada entrevista durava cerca de 01h.

| 1. etapa: mai. 94 a jun.95  | 2ª etapa: nov.95 a out.96   | 3ª etapa: nov.96 a jul./97  |
|---|---|---|
| <b>SITUAÇÕES:</b>   | <b>SITUAÇÕES:</b>   | <b>SITUAÇÕES:</b>   |
| 1. narrativa factual através da pergunta: <i>o que você fez no final de semana?</i><br>2. conversa espontânea<br>3. relato oral da estória <i>Chapeuzinho Vermelho</i><br>4. conversa telefônica espontânea<br>5. narrativa incidental de <i>A Casa Sonolenta</i> | 1. narrativa factual através da pergunta: <i>o que você fez no final de semana?</i><br>2. conversa espontânea<br>3. narrativa oral: <i>Frog Story</i><br>4. Conversa telefônica espontânea<br>5. narrativa escrita: <i>Frog Story</i> | 1. narrativa factual através da pergunta: <i>o que você fez no final de semana?</i><br>2. conversa espontânea<br>3. narrativa oral <i>Chapeuzinho Vermelho</i><br>4. narrativa escrita: <i>Frog Story</i> |
| <b>ENTREVISTADOR:</b>   | <b>ENTREVISTADOR:</b>   | <b>ENTREVISTADOR:</b>   |
| pesquisador 1   | pesquisadores 1, 2 e 3  | pesquisadores 1, 2, 3 e 4   |

Todo o material foi transcrito pelo programa *CHILDES - Child Language Data Exchange System*.

Para a recolha do material foram utilizadas: uma câmera filmadora JVC, padrão VHSC, um gravador Panasonic RN - 104, e um aparelho telefônico celular Motorola.

### Categorização dos dados

Para fins de análise e classificação dos dados, as seguintes categorias se mostraram necessárias:

Na dêixis de pessoa, foram consideradas a 1<sup>a</sup>. e a 2<sup>a</sup> pessoas do discurso e a 1<sup>a</sup> pessoa inclusiva. A segunda categoria opõe o factual ao fictício, na situação discursiva em que o tempo e o espaço são compartilhados, ou somente o tempo (situação de conversa ao telefone), ou nem tempo nem espaço (escrita). Quando a comunicação se dá por escrito, está excluída a possibilidade da pista gestual, que pode ocorrer na comunicação em que espaço e tempo são compartilhados (quanto maior a utilização do gesto, com omissão da manifestação dêtica lingüística, tanto menor o desenvolvimento da criança; na comunicação telefônica, o apelo ao gesto em lugar da manifestação lingüística revela a incompetência do falante nesta situação). A manifestação lingüística da dêixis de pessoa pode ocorrer, no caso nominativo pela desinência verbal e redundantemente pela presença do pronome pessoal no caso reto. Na sintaxe mista (a sintaxe do discurso), pode se dar apenas pela menção do pronome no caso reto.

Desta categorização resulta a seguinte fórmula:

$$P \rightarrow \{1,2,In\} \{A, I\} \{ (E)TC, ET\bar{N} \} \{L\{Pr \text{ e/ou } Dv\} \text{ e/ou } G\}$$

em que **P** = dêixis de pessoa

**1** = 1<sup>a</sup>. pess. do discurso

**2** = 2<sup>a</sup>. pess. do discurso

**In** = 1<sup>a</sup>. pess. do discurso inclusiva

**A** = discurso factual

**I** = discurso fictício

**ETC** = espaço e tempo compartilhados

**TC** = somente tempo compartilhado

**ET $\bar{N}$**  = espaço e tempo não compartilhados

**L** = manifestação lingüística que pode ser

**Pr** = pronome pessoal

**Dv** = desinência verbal de pessoa e número

**G** = manifestação gestual

Na dêixis de espaço foram considerados o espaço extra-lingüístico factual fictício e o lingüístico textual. Os dois primeiros foram subdivididos em compartilhados e não compartilhados, podendo ser expressos pelos prolocativos e/ou por lexicalização. O gesto pode acompanhar a manifestação lingüística, como até substituí-la. A utilização dos prolocativos sem definição da referência e/ou do gesto, quando existe ruptura de espaço e/ou tempo compartilhados, demonstra imaturidade no uso da dêixis.

Os objetos referenciados podem estar perto de quem fala; perto de com quem se fala; perto de ambos; longe de ambos ou ausentes. Uma observação importante é quanto à relatividade do tamanho do espaço referenciado; mesmo que a 1.<sup>a</sup>, ou a 2.<sup>a</sup>. pessoas, ou ambas nele estejam inseridas, se o espaço for amplo, o prolocativo “aqui” deverá ser obrigatoriamente acompanhado de uma dêixis espacial lexicalizada, como no exemplo “Moro aqui em Copacabana”.

A dêixis textual lingüística pode apontar para o que foi referido proximamente ou mais distante. A gramática normativa ensina que no primeiro caso se usa “este” e no segundo “esse”, oposição que se encontra neutralizada no uso corrente.

Da categorização da dêixis de espaço resultou a seguinte fórmula:

$$DE \rightarrow \{A, I\} \{(E)TC, ET\tilde{N}\} \{P_1, P_2, Pa, La, Aus\} \{L(Lx) \text{ e/ou } G\} \\ Tx \{Px, D\}$$

em que DE = dêixis de espaço

A = discurso factual

I = discurso fictício

ETC = espaço e tempo compartilhados

TC = somente tempo compartilhado

ET $\tilde{N}$  = espaço e tempo não compartilhados

P<sub>1</sub> = dêixis de espaço em referência à 1.<sup>a</sup> pess. do discurso

P<sub>2</sub> = ib. em referência à 2.<sup>a</sup> pess. do discurso

Pa = ib. em referência a ambas as pess. do discurso

La = ib. longe de ambas as pessoas do discurso

Aus = ib. ausente do campo mostrativo

L = dêixis expressa pelos prolocativos ou demonstrativos

Lx = dêixis de espaço lexicalizada

G = gesto de apontar

Alguns exemplos extraídos do diálogo espontâneo entre o pesquisador e PAM, quando ela estava com cinco anos e dezessete dias, ilustram a categorização. Nesta fase, a criança já utiliza com competência o *shifting* e os recursos lingüísticos tanto a nível de compreensão quanto de produção para recuperar as referências da dêixis de pessoa e espaço:

\*ADU: onde que a mãe trabalha?

\*CHI: na prefeitura EA, ETC, AusLx, pois trata-se de uma uma dêixis de espaço factual, numa conversação em que adulto e criança compartilham do mesmo espaço e tempo e a criança usou uma locução adverbial (portanto lexicalizou) para se referir a uma localização ausente do espaço.

Um exemplo de uso apenas do gesto, aparece no seguinte diálogo:

\*ADU: bom # onde é que fica o pedro paulo phillippi?  
(é o nome da escola da criança)

\*CHI:

%com: aponta na direção EA, ETC, Aus, G

De um modo geral, conforme já comentamos, a criança demonstra uma competência lingüística no uso da dêixis de pessoa e espaço, na situação discursiva em que compartilha do mesmo espaço e tempo com o interlocutor, salvo alguns senões como no exemplo a seguir:

\*ADU: e o que esse pai faz? # o que que o pai faz?

\*CHI: trabalha aí na surimaqui

Há um exemplo que demonstra o domínio da criança no *shfting* de pessoa:

\*ADU: Se tu olhar aqui com a câmara pra mim, o que é que acontece # quem é que tu vai ver?

\*CHI: tu

No entanto, a avó intervém, mais preocupada com polidez do que com a competência comunicativa da criança:

tu não # você

#### BIBLIOGRAFIA:

- BÜHLER, K. - 1985. *Teoría del lenguaje*. Madri, Alianza.
- HICKMAN, M. - 1995. Discourse organization and the development of reference to person, space and time. In P. Fletcher e B. MacWhinney (orgs.) *The handbook of child language*. Oxford, Basil Blackwell: 194-218.
- JACOBSON, R. - 1957. Shifters, Verbal Categories, and the Russian verbs. In Jakobson, Roman. *Selected writings II, Word and Language*. The Hague (Mouton) 1971: 130-147.
- PINXTEN, R. - 1976. Epistemic universals, a contribution to cognitive anthropology. In R. Pixten (org.) *Universalism versus relativism in language and thought*. The Hague, Mouton.
- SNOW, C.E. - 1995. Issues in the study of input: Finetuning, universality, individual and developmental differences, and necessary causes. In P. Fletcher e B. MacWhinney (orgs.) *op.cit.* : 180-93.
- WEINRICH, H. - 1968. *Estructura y función de los tiempos en el lenguaje*. Madri, Gredos.